

● Leitor fluente – 8º e 9º anos
VEREDAS

DANIEL MUNDURUKU

Crônicas indígenas para rir e refletir na escola

Leitor fluente — 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

 **MODERNA**

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoieira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- do mesmo autor;
- sobre o mesmo assunto e gênero;
- leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

DANIEL MUNDURUKU

Crônicas indígenas para rir e refletir na escola

Leitor fluente — 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Daniel Munduruku nasceu em Belém do Pará e cresceu em meio à tribo indígena dos Mundurukus. Formado em Filosofia, foi professor durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor em São Paulo. Desenvolve atividades como contador de histórias em escolas da rede pública e particular. Participa, frequentemente, de ciclos de palestras e conferências, sempre destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira. Tem diversos livros publicados, entre os quais *Coisas de índio* e *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, que receberam a menção de Livro Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atua ocasionalmente em filmes e documentários, como *Hans Staden*, premiado no Festival de Cinema de Gramado.

RESENHA

Talvez não exista nada de mais absurdo do que a ideia de que um grupo de pessoas mereça mais vida do que as outras. Acontece que basta olhar em volta para perceber que esse *equivoco existencial* tem força no mundo que nos rodeia: contamina nossos olhares, nossa interação, nossas escolhas e preferências. Como nos diz Daniel Munduruku, “a cabeça dos brasileiros é repleta de estereótipos e de equívocos”, em especial no que diz respeito aos povos indígenas. Talvez o mais emblemático desses enganos esteja engravado na própria palavra *índio*, cunhada pelos colonizadores. Remonta à desapropriação brutal causada pela chegada dos europeus o hábito de chamar os povos indígenas de algo que não são, negando sua multiplicidade e suas especificidades. Nessas *Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*, Daniel Munduruku compartilha conosco

seu *apanhado de absurdos*: situações anedóticas que desvelam as ideias distorcidas a respeito dos povos originários. Por que tantas pessoas ainda manifestam estranhamento ao ver um membro de alguma nação indígena usando terno ou calça *jeans*? O que implica encarar os povos indígenas como *seres do passado*? Por que conhecemos tão pouco a diversidade de línguas, o conhecimento e as práticas das várias nações indígenas que vivem no Brasil?

Existe algo bastante especial nesse convite à reflexão e ao riso: enquanto boa parte da tradição do humor e das piadas se constrói sobre estereótipos e toma como objeto os que não se adequam às nossas concepções de normalidade, Munduruku nos convida a rir de quem *reproduz* estereótipos. Riso e reflexão combinados nos ajudam a questionar os espelhos distorcidos que orientam nossa concepção de mundo, para, a partir daí, aprendermos a escutar e a respeitar os universos que existem para além das nossas molduras envidraçadas.

Estereótipos e generalizações estão longe de ser inofensivos, pois contribuem para o apagamento das diferenças, alimentam o racismo, tonam invisíveis sujeitos históricos e desqualificam modos de vida. É por isso que, no final de muitos relatos, o riso deixa também um gosto amargo: “seria cômico se não fosse trágico”, nos diz Munduruku. A escolha do autor de rir para não chorar nos convida a “desentortar” nosso pensamento: por meio de seus textos, procura *acender* no leitor a *chama da curiosidade pelas outras vidas que não a sua*.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Crônicas

Palavras-chave: Povos indígenas, estereótipos, colonização, contemporaneidade, escola, filosofia, plantas medicinais, cultura ancestral

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História, Geografia

Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 7. Argumentação; 9. Empatia e cooperação

Tema transversal: Diversidade cultural

Público-alvo: Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro. Faça uma apresentação do gênero *crônica* – texto curto em prosa, presente em revistas e jornais, que muitas vezes propõe ao leitor uma reflexão sobre as questões de seu tempo, às vezes por meio de relatos de acontecimentos, frequentemente fazendo uso de recursos como a ironia e o humor.

2. Dê destaque para a imagem da capa. Vemos uma sequência de reflexos e em cada um deles um personagem usa roupas e adereços diferentes. Que adereços são esses? De que maneira os alunos interpretariam essa imagem?

3. Leia com a turma o texto da quarta capa, com fragmentos da apresentação do autor. Veja se os alunos percebem que as reticências entre colchetes indicam que os parágrafos foram selecionados de um texto mais longo. Após a leitura do texto, questione: de que maneira são retratados os povos indígenas? O que se costuma falar ou silenciar sobre eles?

4. Leia com a turma o texto de apresentação do autor. Por que o texto se chama *Apanhador de absurdos*? Chame atenção para a passagem: “há pessoas que acham que merecem mais vida que outras, como se umas recebessem privilégios do universo em detrimento de outras”. Quem seriam essas pessoas que acreditam que são melhores do que as demais e se acham merecedoras de privilégios?

5. Para que os alunos conheçam mais o autor do livro, assista com eles à entrevista em que Daniel Munduruku compartilha as lembranças dolorosas dos tempos de escola e fala do papel fundamental que seu avô Apolinário desempenhou em sua trajetória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_cwwHRhRw4> (acesso em: 22 out. 2020).

Durante a leitura

1. No texto de apresentação, o autor comenta que, fazendo uso do humor, escreveu os textos para desconstruir visões equivocadas, desmontar estereótipos e convidar o leitor a transformar seu ponto de vista. Proponha aos alunos que, em cada crônica, procurem reconhecer os *absurdos* revelados pelo autor. Em quais dessas visões equivocadas eles próprios costumavam acreditar?

2. O livro apresenta a seção *Para refletir*, em que o autor se aprofunda em alguns tópicos explorados nas crônicas. Peça aos alunos para prestar especial atenção em passagens que esclarecem questões como: Por que é mais apropriado usar as palavras *indígenas* e não *índios*; *povos* e não *tribos*? Quais direitos indígenas são garantidos pela Constituição?

3. Daniel Munduruku menciona algumas canções populares no cenário musical brasileiro que muitas vezes retratam os povos indígenas de maneira estereotipada e/ou idealizada. Proponha aos alunos que tomem nota do título para ouvi-las com uma postura crítica.

4. Certamente, os alunos vão perceber que a maior parte das crônicas é autobiográfica. Peça que prestem atenção nos títulos que reproduzem fragmentos de falas dirigidas ao autor como: “Você é índio de verdade?”, “Você fala a minha língua?”. Veja se os alunos percebem, durante a leitura, que o autor dá a entender que ele se depara frequentemente com perguntas e afirmações do tipo.

5. Peça aos alunos que prestem atenção nas muitas situações desagradáveis vivenciadas por Daniel Munduruku no ambiente escolar – seja como aluno, seja visitando escolas para conversar com alunos. De que maneira os estabelecimentos de ensino acabam por reforçar estereótipos sobre os povos indígenas?

6. Diga aos alunos que prestem atenção nas ilustrações de João Montanaro que aparecem no início de cada capítulo. Sugira que procurem revisitar a ilustração depois da leitura de cada texto, buscando perceber a relação entre o texto e a imagem. Veja se notam como o ilustrador evoca, em imagens, a distância entre os estereótipos a respeito dos povos indígenas e os indígenas contemporâneos, bem como o modo opressivo com que esses povos têm sido tratados. Montanaro, além de ilustrador, é cartunista e publica charges no jornal *Folha de S. Paulo*: sugira que os alunos visitem sua página no Instagram, <<https://www.instagram.com/joamontanaro/?hl=pt-br>>

Depois da leitura

1. Na crônica – *Vocês não têm vergonha?* –, o autor fala de um evento em que esteve ao lado de Raoni Metkutire, da etnia Kaiapó, uma das maiores lideranças indígenas do Brasil. Para que os alunos conheçam um pouco mais da importante trajetória

desse líder, assista com eles à entrevista da Agência Pública. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nlxRbEJy3SE>> (acesso em: 22 out. 2020). Leia com eles a carta profecia publicada em 2019 no jornal *The Guardian*, na qual o líder kaiapó alerta sobre os perigos que o modo de vida e a ganância do homem branco têm trazido para o mundo. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/nos-povos-da-amazonia-estamos-cheios-de-medo-em-breve-voces-tambem-terao-diz-cacique-raoni/>> (acesso em: 22 out. 2020).

2. Um dos mais recorrentes equívocos apontados por Daniel Munduruku em relação aos povos indígenas é o de imaginar que, por fazerem uso de itens como telefones celulares e se vestirem de modo similar aos outros brasileiros, eles estejam *perdendo sua cultura*. Para que os alunos reflitam um pouco mais sobre essa questão, assista com eles ao vídeo do Instituto Socioambiental, #*Menos-preconceitomaíndio*, disponível no link <<https://www.youtube.com/watch?v=uuzTSTmIaUc>> (acesso em: 22 out. 2020), bem como o clipe do rapper guarani Kunumi MC, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cT7ZXxAMetY>> (acesso em: 22 out. 2020). Sugira ainda que acompanhem o canal do Youtube *Wariu*, em que o jovem Christian Wari’u Tseremey’wa, da etnia Xavante, fala a respeito do que significa ser indígena no século XXI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ySfDWo5dLFE>> (acesso em: 22 out. 2020).

3. Além de explicar o motivo pelo qual as palavras *índio* e *tribo* são inadequadas para se referir aos povos originários, Daniel Munduruku explica porque é importante aprender a se referir às etnias indígenas pelo nome. Para que os alunos saibam mais sobre os mais de 305 povos que habitam o território brasileiro, visite com eles a página Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Socioambiental, disponível em: <<https://pib.socioambiental.org>> (acesso em: 22 out. 2020). Nela, é possível encontrar o nome da maior parte dos povos originários que vivem no país e obter informações de cada etnia. Assista com os alunos ao documentário de 26 minutos *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias descrevem seus modos de vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w>> (acesso em: 22 out. 2020).

4. Na crônica *O índio é mesmo preguiçoso?* e na seção *Para refletir* da página 27, o autor desconstrói a equivocada associação do indígena com a preguiça

e comenta como essa ideia preconceituosa tem raízes na diferente compreensão do tempo. Para se aprofundar um pouco mais nesse assunto, vale a pena escutar a reflexão do autor sobre o conceito de “Bem Viver”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jDMUg7LPixM>> (acesso em: 22 out. 2020).

5. A língua de um povo é um dos seus maiores patrimônios, pois guarda uma maneira única de pensar e conceber o mundo. Na seção *Para Refletir* da página 45, Daniel Munduruku nos mostra como muitas das palavras que utilizamos em nosso cotidiano e dos nomes topográficos do Brasil têm origem nas línguas indígenas. Para que os alunos compreendam mais sobre a variedade de línguas existentes no país, visite com eles a página do Instituto Socioambiental: <<https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>> (acesso em: 22 out. 2020). Sugerimos mais vídeos sobre o tema: a apresentação do projeto Cantos da Terra, do pensador indígena Ailton Krenak, no *link* <<https://www.youtube.com/watch?v=5754E0TMUP4>> (acesso em: 22 out. 2020); um projeto em Roraima que criou espaços de ensino para as línguas macuxi wapichana, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fgGbmGW6xjg>> (acesso em: 22 out. 2020); e o belo projeto realizado por uma escola em Brasília (MS), no qual uma professora encorajou alunos indígenas e seus colegas não indígenas a criar um dicionário ilustrado da língua Ofaié. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mQqsyfqVSho>> (acesso em: 22 out. 2020).

6. Na crônica *Minha vó foi pega a laço*, o autor comenta seu incômodo e estranhamento ao escutar alguém dizer, com orgulho, que sua avó indígena foi raptada à força e obrigada a viver uma vida que não queria. Escute com os alunos a canção *Sangue vermelho*, da cantora Kae Guajajara, do povo Guajajara, que traduz com pungência e sensibilidade a experiência vivida por seus ancestrais. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P9aAhuJLnt0>> (acesso em: 22 out. 2020).

7. Na crônica *Se você é o índio, então não tenho medo*, Daniel Munduruku comenta como muitas vezes a maneira como os indígenas são retratados no material didático dos livros de História pode fazer com que os alunos desenvolvam uma

percepção equivocada desses povos. Proponha aos alunos que visitem a biblioteca da escola e analisem os livros didáticos disponíveis: de que maneira retratam os povos indígenas, seja nos textos, seja nas imagens? Encoraje os alunos a levantar possíveis críticas à abordagem dos livros em questão.

8. A seção *Para refletir* da página 70 fala de um tema de fundamental importância: os direitos dos povos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988. Para saber quais são os direitos garantidos aos povos indígenas, leia com eles o texto disponível na página do Instituto Socioambiental: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Constitui%C3%A7%C3%A3o>> (acesso em: 22 out. 2020). Em seguida, assista ao memorável discurso proferido pelo jovem Ailton Krenak, porta-voz do movimento indígena, no Congresso Nacional em 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q> (acesso em: 22 out. 2020). Para que você possa se preparar para discutir o tema com os alunos, recomendamos que assista ao documentário *Índio cidadão?*, de 2014.

LEIA MAIS...

▸ do mesmo autor

As serpentes que roubaram a noite e outros mitos. São Paulo: Peirópolis.

Kabá Darebu. São Paulo: Brinque-Book.

O karaíba: uma história do pré-Brasil. São Paulo: Melhoramentos.

O sinal do pajé. São Paulo: Peirópolis.

A caveira gigante, a mulher lesma e outras histórias indígenas de assustar. São Paulo: Global.

▸ sobre o mesmo assunto

A vida não é útil, de Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras.

A terra dos mil povos, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.

Tembetá: conversas com pensadores indígenas, de Idjahure Kadiweu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

Ay kakyri tama: eu moro na cidade, de Marcia Wayna Kambeba. São Paulo: Polên Livros.

Eu sou macuxi e outras histórias, de Julie Dorrico. Nova Lima: Caos e Letras.